

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Volta de São Paulo

Class.: 70

Data: 10 de abril de 1981

Pg.: \_\_\_\_\_

### Índio não quer atrito

Gilberto Vasconcellos

Lima Barreto no diário íntimo queria escrever a história da escravidão negra no Brasil. Par contre, pesquisadores professores ensaístas universitários que se ocupam do índio em geral são pessoas aristocráticas, intelectuais portugueses morando em casa própria em Botafogo ou no Morumbi ou em Platã ou alhures, parece coisa de Machado de Assis, solteiro, casado, amancebado, ex-drogado, ex-subversivo, ex-revolutado. E sempre a transação dum espelho uma mulher um nome a zelar, personagem de vida pacata funcionário público, cumpridor do dever acadêmico, ficha limpa na polícia, conduta irrepreensível de chegar em casa e meter-se num calção e eventualmente beijar a esposa na boca e ler Proust e beber cachaça. Um scholar promissor, dir-se-ia...

A musa debusolada numa noite de abril, mudar a vida transformar o geral, liberar o corpo e o espírito com roteiro no Rio, já existiu a literatura da lamúria, já existiu a orgulhosa solidão do artista, já existiu a literatura do metier e do jornalista; a literatura pau-de-arara, a literatura terrorista e a literatura do câncer.

Aquela velha história: no man's land mas se der eu descolo uma garrafa pra você, falou, eu sei que namorar não é fácil, madrugada a empregada invade o quarto e carinhosamente passa a mão na sua cabeça, tudo bem, tudo bem, mas eu não tô afins, tudo bem, mas eu não tô te pedindo nada. Todas amarras e interdições, o esperma, a casa grande, a senzala.

Da janela, da janela, da janela, tudo. Ou respirar o mar fundo e ir até na esquina e comprar um jornal.

Início de conversa: os índios não são nossos, OK, de índio eu manjo só o da lata de bolacha todavia meus amigos em São Paulo têm filhos com nome de índio, minoria não é argumento, a Funai existe assim como os antropólogos briguentos e carreiristas, antropólogos narcisos entre índios ou esnobes com escravos domésticos, guardiães do sujeito e do objeto, guardiães da esquizofrenia, guardiães da gramática, guardiães da esquina. Ninguém até hoje desbundou no ensaio antropológico,



tudo muito bem comportado e chato, não adianta citar Hans Staden ou Lévi-Strauss enquanto reflexões profundas se nenhum autor brasileiro entra na jogada, pelo menos nenhum autor brasileiro cientista, a reverência é enorme em quem mexe com índio nas universidades e nos museus, e digo isso porque eu fui péssimo aluno de antropologia na USP, que é aliás de um tédio mortal. Antropólogo é igual psicanalista, os babacas curtem instituição, acreditam na objetividade cautelosa, no conhecimento depurado de injunções emocionais, acreditam na linguagem concatenada e careta para falar dum troço que é o paradoxo do paradoxo, o oximoro inaugural irrealizável, uma coisa desesperante compulsiva que vira e mexe pinta na transação imaginária e sexual, uma coisa que dá força na utopia da nossa se for o caso — felicidade — senão é o blefe do homem vestido mais uma vez, o museu, o progresso, a fissura do centro, o europocentrismo, é acreditar que a academia universitária lhe possibilita evitar o ridículo e as fantasias subjetivistas...

Aporia do índio, real e teórica, beco sem saída do Brasil: ao mesmo tempo que é seu maior inimigo sem proteção do Estado não existiria in-

dió, um condenado à morte, índio é insolúvel assim como a reflexão do índio. A interpretação da coceira, a coceira da interpretação: against a interpretação do índio, é isso, não por ser minoria, os índios não lotam o Maracanã, a burguesia brasileira todinha também não lota o Maracanã, os padres jesuítas coroinhas não lotam o Maracanã, os militares não lotam o Maracanã, a parte da população brasileira alfabetizada está pouco ligando para o destino do índio assim como não está ligando para o destino da outra parte analfabeta da população, às vezes eu fico pensando que branco brasileiro e sua inteligência, a raça culta e letrada não tem mais potência cognitiva para dizer nada em profundezas a respeito do Brasil, absolutamente nada, acabou o papo. E potência cognitiva é potência sexual. Todo mundo anda histérico no disco, no espetáculo, na televisão, e histeria é simulacro de orgasmo negado, triste simulacro, as mulheres sabem disso mesmo na fresta, na música, no entusiasmo os sinais do crepúsculo, a brochada geral. Ultimamente ando desconfiado que por um absurdo total da episteme José Ramos Tinhorão começa a ter razão: realmente classe média pra cima no Brasil não dá samba...